



DEVIR CRIANÇA: UM ENSAIO ESQUIZOANALÍTICO SOBRE UMA PRÁTICA DE ESTÁGIO ONLINE

DEVENIR-NIÑO: UN ENSAYO ESQUIZONALÍTICO SOBRE UNA PRÁCTICA PRE-PROFESIONAL EN LÍNEA

BECOMING-CHILD: AN SCHIZOANALYTIC ESSAY ABOUT AN ONLINE MAN- DATORY INTERNSHIP PRACTICE

Fernando Junio Cardoso Duarte¹
Andreza Moreira Marques²

RESUMO: O presente ensaio tem como objetivo articular a experiência de uma prática de estágio obrigatório com o pensamento esquizoanalítico, proposto por Deleuze e Guattari. A prática curricular, intitulada como “Oficinas de pensamento e expressão”, foi ofertada pela clínica de Psicologia da PUC Minas - Campus Coração Eucarístico. Os atendimentos tiveram duração de três meses e ocorreram virtualmente em função do período da pandemia do COVID-19. As oficinas foram realizadas com uma criança de nove anos e conduzidas por dois estagiários, que apostaram em uma experimentação do devir-criança durante os encontros, a fim de estimular o pensamento e expressividade da criança atendida. Ao longo do artigo discutimos os processos de subjetivação segundo o pensamento esquizoanalítico, utilizando alguns conceitos da teoria para analisar o momento pandêmico, bem como articulamos a experiência da prática de estágio com a ideia de devir-criança. Como resultado dos atendimentos realizados, destacamos o êxito no estabelecimento de vínculo com a criança durante os atendimentos, possibilitando a experimentação de devires, sobretudo, o devir-criança, uma vez que nos aproximamos da infância para mapear seus movimentos no setting clínico. Em conclusão, evidenciamos que, diante da singularidade do contexto atual e frente ao caos que se instaurou durante a pandemia, foi possível apostar em uma inventividade da clínica infantil na modalidade online, tendo como norte a clínica da resistência enquanto uma forma de potencializar os encontros em meio ao desconhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Esquizoanálise; clínica da infância; atendimento online; devir-criança.

RESUMEN: El siguiente ensayo tiene como objetivo articular la experiencia de una práctica pre-profesional obligatoria con la línea de pensamiento esquizoanalítico, propuesto por Deleuze y Guattari. La práctica curricular, titulada “Oficinas de pensamiento y expresión”, fue ofertada por la clínica de Psicología de la PUC Minas - Campus Coração Eucarístico. Las atenciones tuvieron una duración de tres meses y se desarrollaron virtualmente durante el periodo de la pandemia de COVID-19. Los encuentros fueron realizados con una niña de nueve años y fueron dirigidas por dos practicantes que buscaron arriesgarse en una experiencia del devenir-niño durante los encuentros, con la finalidad de estimular el pensamiento y la expresividad de la misma atendida. En el transcurso del artículo discutimos los procesos de subjetivación según el pensamiento esquizoanalítico, utilizando algunos conceptos teóricos para analizar el momento pandémico, así como articular la experiencia de la práctica pre-profesional con la idea del devenir-niño. Como resultado de las atenciones brindadas, destacamos el éxito en el vínculo establecido con el niño durante las atenciones, posibilitando la experimentación de devenires, especialmente la del devenir-niño, a medida que nos acercamos a la infancia para mapear sus movimientos en el setting clínico. En conclusión, destacamos que, la singularidad del contexto actual frente al caos que se produjo durante la pandemia, se pudo apostar por una capacidad inventiva de la clínica infantil en la modalidad online, tomando como referencia la clínica de resistencia como una forma de potenciar los encuentros en medio de lo desconocido.

PALABRAS CLAVE: Esquizoanálisis; clínica infantil; Encuentros en línea; devenir niño.

¹ Graduando em Psicologia pela PUC Minas. Estagiário na Coordenação de Saúde Indígena e Políticas de Promoção da Equidade em Saúde do Estado de Minas Gerais. Organizador do Grupo de Estudos em Esquizoanálise da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. fernando.junio.c.d@gmail.com.

² Graduada em Psicologia pela PUC Minas. Extensionista voluntária no Instituto Rondon Minas (2018). Pesquisadora de Iniciação Científica e Tecnológica (2021-2022) com o tema "Processos de subjetivação e (re)significação em mulheres que vivenciaram situação de abrigo em uma casa-abrigo de Belo Horizonte". andrezacmarques@gmail.com.

ABSTRACT: This essay aims to articulate the experience of a mandatory internship practice with the schizo-analytic theory, proposed by Deleuze and Guattari. The curricular practice, entitled "Thought and expression Workshops", was offered by the Psychology clinic at PUC Minas - Campus Coração Eucarístico. The meetings lasted three months, taking place virtually during the COVID-19 pandemic period. The workshops were held with a nine year old child and conducted by two interns, taking a chance on the experimentation of becoming-child during the meetings, in order to stimulate the child's thinking and expressiveness. Throughout the article we discussed the processes of subjectification according to schizoanalytic thinking, using some concepts from the theory to analyze the pandemic moment, as well as articulating the experience of internship practice with the idea of becoming-child. As a result of the clinical process, we highlight the success in establishing a bond with the child during the meetings, enabling the experimentation of becoming, above all, the becoming-child, as we approached childhood to map their movements in the clinical setting. In conclusion, we highlight that, given the uniqueness of the current context, facing the chaos that took place during the pandemic, it was possible to bet on an inventiveness of the children's clinic in the online modality, having as a guideline the resistance clinics as a way to potentiate encounters in the midst of the unknown.

KEYWORDS: Schizoanalysis; childhood clinic; online meetings, becoming-child.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19, que se instaurou pelo mundo em 2020, demandou uma reinvenção dos profissionais da Psicologia, bem como dos estagiários, para que não se cessassem os atendimentos à população que deveria permanecer em casa, uma vez que o isolamento social, conforme apontam as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), contribui para a redução da taxa de transmissão do vírus, diminuindo a chance de contágio, sobretudo no que se refere às pessoas elencadas como pertencentes ao grupo de risco, uma vez que estas apresentam algum tipo de comorbidade que pode potencializar a ação do vírus. Com os fluxos e variações da contaminação pelo Covid-19, as práticas de estágio da Clínica Escola da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), unidade Coração Eucarístico, não ocorreram de forma homogênea, ou seja, tendo em vista que os atendimentos foram suspensos em decorrência das orientações recebidas pela Associação Brasileira de Ensino de Psicologia (ABEP). Contudo, no segundo semestre, visando a continuidade dos trabalhos, iniciou-se os atendimentos *on-line* seguindo as diretrizes estabelecidas pela publicação intitulada "Práticas de estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19", elaborada pela ABEP e pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

A partir da demanda de atendimento clínico ao público externo da universidade, que aumentou a partir dos impactos causados pela pandemia e pelo isolamento social em grande escala, iniciamos, então, no segundo semestre de 2020, os acompanhamentos de forma virtual. Os atendimentos mantiveram, necessariamente, seu vínculo com a clínica escola da universidade, o que implicou, inclusive, na obrigatoriedade de seguir as suas regras basilares, tais como: a assinatura do termo de autorização e condução dos atendimentos por parte responsáveis, caso os contemplados fossem crianças ou adolescentes; o uso de uma plataforma cripto-

grafada, que visou garantir a segurança e o sigilo dos serviços prestados; preenchimento adequado dos relatórios de atendimento, etc. Além disso, as supervisões semanais continuaram a ser realizadas de forma virtual, mantendo o mesmo funcionamento, onde o supervisor atentamente escuta os relatos dos atendimentos semanais prestados pelos estagiários, orienta-os e fornece os materiais necessários para serem usados como referencial técnico.

A partir dessa conjuntura e através do estágio intitulado “Oficinas de Pensamento e Expressão”, foi realizado um acompanhamento de uma criança de nove anos, do gênero feminino, que se encontrava no 4º ano do ensino fundamental em uma escola estadual e que, devido ao contexto de pandemia, havia suspenso as aulas presenciais e distribuído apostilas didáticas com o conteúdo e exercícios a serem feitos e entregues. A partir desse material, criamos as oficinas que foram executadas do início de Setembro ao final de Novembro seguindo uma rotina de um encontro por semana. As oficinas se caracterizam enquanto uma forma de intervenção, podendo ter diversos aspectos como pedagógico, psicossocial, psicoterapêutico, entretanto, em nossos atendimentos, nos apropriamos das oficinas enquanto uma maneira de inventar, escapando da lógica das oficinas pedagógicas que visam ensinar, seguindo uma lógica hierárquica em que o oficinairo instrui alguma atividade.

Utilizamos as apostilas como um aporte para explorar as dúvidas da criança, que chega à clínica com uma queixa relacionada às dificuldades em leitura e escrita. Para isso, o processo de construção e execução das oficinas foi apoiado nos objetivos do estágio. Quer dizer, de forma sintetizada, o estágio teve por objetivo criar e desenvolver intervenções lúdicas com crianças que apresentavam algum tipo de dificuldade de aprendizagem e também manifestassem problemas de desenvolvimento social, afetivo e cognitivo. Neste sentido, as intervenções visavam detectar fatores socioeducativos e afetivos que pudessem estar relacionados às dificuldades de aprendizagem e de desenvolvimento apresentadas pelos sujeitos atendidos.

Com a sustentação de nossa prática clínica, em conformidade com os objetivos do estágio, com os materiais presentes nas apostilas e com os conteúdos trazidos durante os atendimentos, nos propusemos a experimentar o devir-criança e os conceitos fornecidos pela Esquizoanálise para elaboração e execução das oficinas. Dessa maneira, as oficinas realizadas traziam sempre conteúdos artísticos, como desenhos, poesias e outras formas de expressão, potencializando a nossa relação com a criança, que segundo Deleuze (1997, p.78): “À sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças. Ela é feita de trajetos e devires, por isso faz mapas, extensivos e intensivos.”. De antemão, pensamos na experimentação do devir-criança, pois

[...] nas formas de pensar e viver a educação não é simplesmente promover um pensar, escrever, falar ou, em suma, educar "para" as crianças; segue-se disso, por um lado, que quem pensa, escreve, fala ou educa e, por outro, que quem recebe esse pensamento, essa escrita, fala ou educação não é, em nenhum dos dois casos, uma entidade prefixada de antemão e de uma vez por todas. Ao contrário, esse "para" é um processo em devir. Devir, duplamente e em paralelo, entre uns e outros, em direção à alteridade de ambos. (JÓDAR; GÓMEZ, 2002, p. 35-36).

A partir desse ponto, pensar em uma prática de estágio sendo realizada de forma remota em um ano totalmente atípico, nos trouxe algumas reflexões acerca da importância de darmos espaço para as experiências a partir de acontecimentos, tirando-nos da lógica adulta de obter sentido segundo representações e abrindo espaços para a involução do devir-criança que poderia surgir. Vale-se ressaltar, que a ideia de involução está ligada ao devir, mas não enquanto um regresso e sim uma maneira de criar uma evolução entre heterogêneos. (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

De acordo com Lopez (2019), o devir-criança, nos indica então, a possibilidade de criação de uma: “[...] interação rítmica e ressonante entre corpos, mais do que uma relação causal ou de mistura, uma vez que estar em devir não é se tornar isso ou aquilo, mas compor numa travessia “entre” isso e aquilo (p.17)”. Sendo assim, a experimentação dos devires, sobretudo o devir-criança, nos indica uma possibilidade de composição com fatores que nos potencializam, como a inventividade, tão presente nas múltiplas infâncias, que na realidade atual, conseguem agenciar o imaginário e o real (CECCIM; PALOMBINI, 2009).

2 OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E A PRODUÇÃO DE (RE)EXISTÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

O pensamento de Gilles Deleuze, Félix Guattari e outros autores que contribuem para a Esquizoanálise, se tornam imprescindíveis para se pensar o intempestivo ano de 2020 com seus fluxos intensos que afetam os processos de subjetivação. De acordo com Mansano (2009, p.115):

Dependendo dos efeitos produzidos pelos encontros, o sujeito é praticamente “forçado” a questionar e a produzir sentidos àquela experiência que emergiu ao acaso e que, sem consulta, desorganizou um modo de viver até então conhecido. Obviamente, o contato com esse tipo de dado e de acontecimento gera uma série de estranhamentos, incômodos e angústias. A vida se desenrola nesse campo complexo do qual fluem ininterruptamente os dados e os acontecimentos. Os enfrentamentos aí emergentes não conhecem parada.

No trecho supracitado, discute-se sobre a noção de sujeito no pensamento de Deleuze, que nessa perspectiva, deve ser entendido em sua processualidade de vir-a-ser, ou seja, algo contínuo que se difere de uma ideia de um sujeito definitivo e estático (MANSANO, 2009). Partindo desta ideia, os encontros ocasionados por 2020 como a pandemia, a quarentena, a doença e outros desdobramentos advindos destes ocorridos, foram encontros inevitáveis para que se afetasse e produzisse novas composições de si nos sujeitos.

Félix Guattari (1992), em seu livro *Caosmose*, trabalha com a noção de espaço e corpo como agentes de enunciação, que se distingue de uma concepção da medicina e da arquitetura, uma vez que essas disciplinas tomam esses aspectos de forma separada. Em tempos de pandemia e isolamento social, pensar a subjetivação enquanto um processo que é constituído por linhas que se torcem e se dobram, é fundamental que se considere o impacto do ambiente físico na subjetividade, que gera diversos sentimentos e sensações que contribuem como um componente de subjetivação. De acordo com Parpinelli e Souza (2005, p. 481): “para a esquizoanálise, todos esses elementos da realidade não só se relacionam com a subjetividade, mas são eles próprios possuidores de uma proto-subjetividade”. Em vista disto, a esquizoanálise contribui para o estudo dos processos de subjetivação em tempos de pandemia, entendendo as constituições dos modos de existência nesse período em que os corpos foram afetados por questões sanitárias, financeiras, políticas e arquitetônicas, tendo em vista que algumas pessoas tiveram que passar mais tempo em casa, outras tiveram que sair de suas casas para enfrentar as ruas vazias e as demais tiveram que lidar com as diversas situações que exigiram o agenciamento dos corpos com o espaço.

Adentrando a questão das crianças no contexto de pandemia, é importante antes de tudo, contextualizar sobre alguns impactos que surgem nesse momento, como aponta Villas-Bôas (2020), ao informar que a pandemia causou uma sobrecarga de funções de pessoas que residem com crianças, proporcionando um mal-estar nestas relações. Mesmo com a taxa de mortalidade sendo menor no grupo das crianças, é necessário que não desconsideremos os agravos que a pandemia produziu nesse público em específico, entendendo esses impactos de maneira ampliada, isto é, na perspectiva biopsicossociais e levando em consideração a privação espacial desses sujeitos devido ao isolamento social. Neste sentido, de acordo com a Fio-cruz (2020, p.4), mostra importante considerar que:

Dentre as medidas adotadas pelas autoridades sanitárias para conter a rápida escalada do contágio da COVID-19, destaca-se o distanciamento social que implicou no fechamento de escolas, interferindo na rotina e nas relações interpessoais na infância. Além disso, as crianças podem ser afetadas pelas dificuldades financeiras vivenciadas em suas famílias (ex., familiares ou cuidadores que perderam o emprego ou

tiveram a renda reduzida) e, ainda, pelo adoecimento, hospitalização ou morte de pessoas próximas, o que traz implicações para o seu senso de segurança e normalidade.

A partir do trecho citado, podemos ir adiante, levando em consideração que cada criança possui suas especificidades, fazendo com que cada relação com a pandemia seja distinta. Em uma cartilha produzida pela Fiocruz (2020), intitulada “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19: Crianças na Pandemia”, elucida-se que os principais impactos emocionais causado nas crianças são: dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alterações no padrão de sono e alimentação. Sendo assim, é importante atentarmos e debruçarmos nos processos de subjetivação e nos estudos sobre a saúde infantil durante a pandemia, tomando o conceito de saúde enquanto um fator biopsicossocial.

Para os estudos dos processos de subjetivação, é valioso pensar em um devir-criança enquanto possibilidade de adentrar a existência em outras maneiras possíveis, não imitando ou se transformando em uma criança, mas produzindo em nós mesmos, uma criança molecular, sustentando a intensidade, engendrando agenciamentos. O devir é a experimentação de uma diferença da forma do ser Homem, uma vez que este se caracteriza enquanto uma manifestação hegemônica (JÓDAR; GÓMEZ, 2002). De acordo com Deleuze e Guattari (2011, p. 55),

É evidente que "o homem" tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante.

Os autores trabalham com a ideia de minoria não enquanto uma noção quantitativa, mas sim como oposto de uma hegemonia. Por isso, os devires são experimentações minoritárias que fogem do padrão socialmente instituído, sendo este, pois, o homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão europeu-heterossexual (DELEUZE; GUATTARI, 2011). A partir disso, pensar em um processo de subjetivação em um contexto pandêmico, onde buscar-se a experimentação do devir-criança, convoca-nos a pensar na “[...] composição com as possibilidades de invenção, imaginação, novidade e experimentação que atravessam a força da criança, no seguir linhas em aberto que não se restringem a um mundo pré-definido” (LOPES, 2019, p. 17). O conceito de devir-criança, diz então sobre uma composição, uma maneira de escapar da lógica adulta em que o mundo é tomado de uma forma definitiva, como bem exemplifica Jódar; Gomes (2002),

Devir é um processo. Até mesmo quando é uma criança quem devém, ela entra em um devir-criança, pois devir não é reivindicar um estado já codificado e identificado; tampouco é chegar a alcançar um estado predefinido e reivindicado por meio da cópia, do adestramento ou da imitação. Devir-criança é, pelo contrário, entrar em uma zona de vizinhança e indiscernibilidade na qual não seja possível distinguir-se de uma criança. Ora, esse "uma" criança não é, de nenhum modo, uma generalidade. Trata-se de uma singularidade em sua expressão mais elevada. O imprevisto ou não preexistente que em seu surgir acaba, em si mesmo, privado das características formais que fazem dizer a ("a" criança aqui presente). (JÓDAR; GOMES, 2020, p.35)

Portanto, o devir-criança, diz sobre um processo em que até as próprias crianças experimentam, não se restringindo aos adultos, idosos e adolescentes, por exemplo. A própria infância se caracteriza por seus territórios decodificados, desidentificados, em que as crianças desfazem as formas e traçam seus mapas de forma espontânea, abrindo espaço para as singularidades. Sendo assim, a infância traça mapas que possibilitam os processos de singularização, que podem ser conceituados pelas possibilidades de funcionamento e articulação entre os componentes que constituem o ego, fazendo com que sejamos nós mesmos, desprendendo-se então das formas e identificações (GUATTARI; ROLNIK, 1986).

Contudo, o contexto pandêmico e a demanda de atendimento *online* infantil, nos convidaram a usar nossa criatividade para construir intervenções seguindo a proposta do estágio oferecido, intitulado “Oficinas de pensamento e expressão”. De antemão, é necessário, aliás, que se registre que os atendimentos foram baseados em uma abordagem psicopedagógica que proporcionou uma experimentação do devir-criança, não sendo necessariamente uma clínica esquizoanalítica, mas uma oportunidade de pôr em prática e experimentar o que Romagnoli (2006,) chamou de clínica da resistência, que se caracteriza pela,

Razão que escapa à formação adquirida, às teorias utilizadas, ao lugar do estabelecido e que corresponde, de fato, ao desconhecido, ao contato com a diferença vibrando em instantes de desamparo, desespero, diversão, tédio. Atividade de livrar-se do sujeito psicológico que somos e nos entregar ao acaso, em um agenciamento que nos leva a lugares inimagináveis e imprevistos, a outros territórios existenciais (ROMAGNOLI, 2006, p. 54).

Com a imprevisibilidade da pandemia e a necessidade de adaptação dos atendimentos online, nos cedemos ao acaso de toda essa situação para experimentar o devir-criança que escapa da lógica de formação em que se estabelece um lugar enrijecido para quem atende e quem é atendido, dando manutenção a uma relação de poder. Sendo assim, o *setting* clínico virtual em que realizamos os atendimentos tornou-se um outro território existencial, inabitado, uma vez que nem a criança nem os estagiários haviam experimentado os atendimentos de

forma virtual. Isso, contudo, possibilitou que a criação de uma clínica da resistência surgisse ao desconhecido, seguindo os mapas da infância.

3 OFICINAS DE PENSAMENTO E EXPRESSÃO

A proposta de aprendizagem ofertada pelo Estágio “Oficina de Pensamento e Expressão” busca trabalhar o desenvolvimento da criança atendida de forma lúdica, com o intuito de instigar, por meio de brincadeiras, a curiosidade da criança sobre determinados assuntos ou práticas que foram apresentadas, inicialmente, como causa principal de dúvidas ou dificuldades ao longo do seu processo de aprendizagem. Neste sentido, parte-se do pressuposto que as brincadeiras realizadas de forma adequada possibilitam uma série de benefícios durante o desenvolvimento infantil, pois, como afirma Pedroza (2005):

Através da brincadeira, a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, ressignificando-os. Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer no qual estão presentes as vivências de prazer e desprazer. Representam uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos cognitivos e afetivos que favorecem o raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e o desenvolvimento do potencial criativo (PEDROZA, 2005, p. 62).

Neste contexto, entendemos que o papel dos estagiários, ao longo desse processo, é fundamental, visto que, a condução das brincadeiras só se faz possível a partir da participação, disposição e invenção destes diante dos atendimentos e as demandas da criança. Entretanto, essa condução precisa ocorrer de forma adequada a fim de integrar os objetos processuais da prática de estágio com as demandas trazidas pela criança. A partir disto, podemos pensar em como ocorre essa interação entre nós - acadêmicos de Psicologia da PUC-Minas - com os atendimentos infantis.

Por vezes, nossos comportamentos tendem a ser demarcados por uma formalização excessiva na comunicação com o outro e na postura a ser mantida durante os atendimentos, sendo este, um fato decorrente de uma prática clínica baseada, como diriam Deleuze; Guattari, em um modelo molar, no qual tendemos a agir de forma estratificada seguindo as posturas adequadas de acordo com o tempo e lugar da atuação. Para estes autores franceses, o plano molar está justaposto ao molecular, o que implica em um funcionamento distinto, pois opera para manter a reprodução e a homogeneização. Este funcionamento pode ser articulado com a reflexão sobre o conceito de linha de segmentaridade rígida que Hur (2019) nos apresenta:

Além das linhas duras das disciplinas institucionais, também há a estratificação de movimentos quase imperceptíveis, como a do hábito cotidiano do indivíduo que repete sua rotina indefinidamente em práticas instituídas. Figura emblemática desse comportamento é a do “homem na caixa”, que sempre segue os mesmos trajetos na clausura de seus hábitos e de sua espacialidade estriada (HUR, 2019, p. 17).

Quando pensamos especificamente no exercício profissional que envolve um indivíduo composto por potências criativas e pela arte dos agenciamentos, como no atendimento infantil realizado remotamente, deparamo-nos com a necessidade de abrir espaço para novos devires e outras modalidades de linhas que fossem mais fluidas como, por exemplo, as linhas moleculares que, de acordo com Hur (2019, p.17), “possibilita desvios que geram dobras, curvas, flexões, trajetos diferenciados e outras experiências ante a rigidez dos segmentos estratificados”. Partindo dessa afirmação, torna-se possível analisarmos as relações existentes entre os movimentos das linhas molares e moleculares e seus efeitos ao longo da nossa prática clínica infantil, considerando suas conexões e multiplicidades.

A clínica infantil pode se apresentar para muitos profissionais como um desafio que adentra em campos desconhecidos ausentando-se do modelo habitualmente esperado, visto que as crianças exibem atitudes que fogem da “normalidade” de funcionamento. Neste sentido, como apontam Deleuze; Guattari (2011, p.35), “as crianças são espinosistas”, ou seja, afetadas pelo mundo e pelo seu (des)conhecimento deste. Assim, torna-se evidente a necessidade de traçar linhas moleculares e reinventar novas práticas profissionais para que, através dessas, todos os envolvidos se afetem e sejam afetados, principalmente quando estas se encontram em um modo de execução remoto. Tal necessidade foi passível de observação ao longo dos atendimentos realizados nas oficinas de pensamento e expressão, quando percebemos a importância de ofertarmos trajetos diferenciados que não estratificassem a prática clínica, mas que produzisse encontros mais potentes.

O que queremos marcar como potência diz respeito ao que Hur (2019, p.29) ilustra em seu livro “Psicologia, Política e Esquizoanálise” como “Relações de forças” no qual a potência, propriamente dita, estaria “relacionada ao poder de criar, ao poder enquanto verbo, instituinte, como devir em movimento: o ‘poder fazer’”. Relacionando tal conceito à nossa prática de estágio, percebemos o quanto as relações e os vínculos constituídos formaram uma composição maior dessa potência, dado que um dos objetivos do estágio era, justamente, trabalhar o desenvolvimento da criança a partir do lúdico, estando este diretamente relacionado às possibilidades de construir alternativas que considerassem todos os aspectos que cercam a aprendizagem da criança, sejam eles cognitivos, afetivos, orgânicos ou socioculturais.

Nesse ínterim, notamos que a potencialização dos encontros resultou na emersão do devir-criança, posto que nos tornamos mais propícios e abertos aos devires que poderiam surgir, fornecendo uma prática que apostava nos agenciamentos e nas experimentações, tendo em vista que, na perspectiva da Esquizoanálise,

A criança molecular é aquela que se produz através de seu meio, não do que se é, mas do que pode vir a ser ao se abrir aos diversos dados dos sentidos e das coisas. Quando o corpo devém criança entra em um estado exploratório e experimental com o mundo, com as pessoas, com as coisas e com os lugares [...] (NEUSCHARANK, 2020, p. 5).

Para nós, o devir-criança tornou-se possível ao propormos atividades que surgiam a partir de alguma demanda que era apresentada pela própria criança atendida. Quer dizer, ao longo dos atendimentos fomos convocados a apresentar e colocar em curso linhas de escuta e de expressão mais flexíveis, pois, em diversos momentos a criança propunha brincadeiras que demandava um desprendimento das preocupações relacionadas às diversas variáveis que o ambiente virtual pode causar, além de exigir uma (re)significação da nossa postura enquanto estagiários de psicologia, considerando, assim, o que poderia vir a ser experimentado a partir do contato com ela. Portanto, ao propormos espaços de fala e de expressão mais livres, abertos e dinâmicos, a criança atendida traçava mapas e nos convocava a fazer esse percurso em conjunto, o que nos levou a arriscar na composição de novos traçados clínicos, sendo estes, de antemão, sempre imprevisíveis.

Como pudemos vivenciar na pele, a aposta em uma experimentação do devir-criança, emerge na clínica da resistência, enquanto uma maneira de potencializar os agenciamentos, escapando das teorias estratificadas que não se atualizam para entender as linhas que compõem as subjetividades e os novos modos de elaboração e de cognição contemporânea, pois, como muito bem demonstra a precisa reflexão de Kastrup (2000, p. 376),

A Psicologia do desenvolvimento cognitivo descreve um certo regime de transformação temporal da cognição - o regime de filiação - mas não parece que as transformações temporais se limitem a um único regime, nem tampouco que tal regime seja o mais fecundo para pensar a cognição. A atualidade nos lança frente a tantos fatos novos e exigentes de sentido envolvendo a invenção da cognição, que as idéias de gênese, filiação e ultrapassamento parecem não dar conta. Talvez as comparações entre a criança e o adulto, baseadas no modelo genético-estrutural e na idéia do déficit nos deixem de mãos vazias para o entendimento da cognição contemporânea.

Partindo disto, verificamos que a ocorrência de novos agenciamentos na prática clínica proporciona e conduz à resistência, inventando maneiras de resistir (ROMAGNOLI et. al, 2009). Sendo assim, apostar na inventividade da clínica da resistência é traçar linhas de fuga

que escapem dos saberes instituídos que não se atualizam para pensar na complexidade da contemporaneidade e suas novas formas de subjetivação.

4 A CONSTRUÇÃO DAS OFICINAS EM UMA PROPOSTA RIZOMÁTICA

Propor um modelo de aprendizagem que rompa com os modelos tradicionais diante de um contexto pandêmico não é uma tarefa simples. Podemos considerar que a construção das nossas oficinas foi pautada a partir de um modelo rizomático que valorizasse a processualidade e os movimentos dos desejos que eram sobrepostos ao longo da nossa atuação. Para isso, não estabelecemos um único elemento a ser trabalhado durante todo o período de acompanhamento, mas também não ampliamos para além do que era intencionado, apenas deixamos que fluísse e tomasse diferentes dimensões. A partir disso, consideremos o conceito de rizoma apresentado por Deleuze; Guattari (2011):

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43).

As oficinas foram realizadas semanalmente, tendo, como limite de duração, uma hora, embora, na maioria das vezes, durassem por volta de cinquenta minutos. Mesmo com uma restrição de tempo para a realização, planejamos oficinas que se aproximavam do conceito de rizoma. Para a construção das oficinas, utilizamos algumas brincadeiras que eram do interesse da criança juntamente com as orientações apresentadas pela professora-supervisora. Além disso, usufruímos da nossa criatividade para adaptar algumas atividades, articulando-as com as demandas que surgiam durante a execução dos exercícios propostos na apostila escolar. Portanto, tivemos como objetivo apresentar uma nova forma de aprender, apostando em uma construção rizomática das oficinas, nos preocupando com sua realização enquanto processo e não apenas como um início ou fim.

Em um dos atendimentos iniciais, levantamos as dúvidas da criança com relação aos conteúdos presentes na apostila e descobrimos que as matérias de Matemática e Ciências lhe geraram algumas dificuldades, mais especificamente o conteúdo de números romanos e de

cadeia alimentar. Foi a partir dessas dificuldades observadas e relatadas que construímos oficinas que articulavam esses conteúdos com brincadeiras que permitissem a sua realização on-line.

Em uma das oficinas, realizamos um bingo no qual os números eram trocados pelos algarismos romanos. Já em outra oficina, na semana seguinte, conversamos com a criança a respeito das cadeias alimentares e, ao mesmo tempo, procurávamos desenhar seus respectivos produtores, consumidores e decompositores. Entretanto, por mais que houvesse uma apropriação das matérias que causavam dificuldade de aprendizagem na criança para a construção das oficinas, entendemos que o currículo não é uma

[...] mera recapitulação da tradição ou simples texto do saber selecionado. É campo arriscado de decisão e recriação. Um currículo efetivamente lido sustenta o movimento em que consiste o aprender. Com efeito, não há aprender a ler e escrever sem devir-criança, estrangeiro à própria língua. Paidéia, pois, como o trançado que tece esse renascer em cada ocasião do aprender. (JÓDAR; GÓMEZ, 2002, p. 41).

Assim, apropriamo-nos do currículo não como um material estático, estratificado e imóvel, seguindo a lógica de uma fotografia ou de um desenho, mas utilizamos este enquanto um mapa aberto para cartografar os movimentos presentes nos atendimentos. Ou seja, utilizamos o currículo para auxiliar na construção de oficinas enquanto rizomas, que possuem suas linhas de segmentaridade rígidas que se estratificam, sendo estes os conteúdos escolares que não permitiram novas formas de aprender, mas que possui também suas linhas de fuga. E foi a partir dessas linhas de fuga, desterritorializantes por natureza, que encontramos caminhos para criar e fortalecer vínculos potentes com a criança ao mesmo tempo em que realizávamos oficinas considerando não apenas as suas demandas, mas também as dificuldades de aprendizagem por ela apresentada.

Ao longo do semestre, propusemos um devir-mapa do currículo, fazendo com que este experimentasse uma abertura que, de acordo com Deleuze; Guattari (2011, p. 30), é “susceptível de receber modificações constantemente”. Estas aberturas ofereceram a possibilidade para o devir-criança enquanto uma maneira de criar aliança e propor novos territórios (ROOS, 2011). Essa des-reterritorialização ocorreu devida a percepção do vínculo estabelecido entre nós e a criança, utilizando a ideia de “coeficiente de territorialização” surgida no pensamento de Guattari e que, segundo Hur (2019, p. 58), explica o motivo pelo qual “cada corpo, cada elemento químico, tem um potencial de ação e resposta diferentes, que ao mesmo tempo depende de sua longitude e latitude, das forças do exterior e do seu próprio potencial de forças”. Sendo assim, essa proposta de novos territórios, foi feita de maneira prudente, levando em

conta o potencial de forças da criança, que só foi descoberto posterior a uma criação de vínculos.

Nesta trajetória, é importante dizer que os territórios criados ao longo dos atendimentos foram por nós considerados enquanto produtos do desejo da criança, desejo este que, para a Esquizoanálise, é sempre maquínico, ou seja, produtivo e criativo. Dessa maneira, ao longo dos atendimentos, ainda que virtuais, criamos territórios que escapassem ao espaço geográfico e que proporcionassem outras formas de agenciamentos, de desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT; BRUCE, 2020). Após o estabelecimento de vínculos e criação de territórios nos atendimentos, percebemos com maior nitidez a maneira como os processos de des-reterritorialização nas oficinas fluíam de forma intensa fazendo com que os atendimentos não se tornassem enrijecidos e, portanto, pouco favoráveis para os devires.

Pensando na desterritorialização enquanto a ação das linhas de fuga, percebemos que esse movimento foi produzido pela criança que sempre traçava novas maneiras e possibilidades de escapar das oficinas quando estas começavam a se estratificar. Isso torna-se nítido quando, ao finalizarmos um determinado atendimento, perguntamos à criança quais brincadeiras ela gostava para que, a partir dessas, pudéssemos adaptá-las para a oficina. Interessante destacar que, logo após a pergunta, a criança sugere uma brincadeira que permitisse que ficássemos todos de pé para a câmera. Essa sugestão, que mais tarde veio a ser realizada, nos pareceu um exemplo de um movimento de desterritorialização, no qual a criança sugeriu que abandonássemos um território que, por si mesmo, já não nos permitia realizar tantos movimentos, uma vez que os atendimentos ocorriam sentados e apenas mostrávamos os nossos bustos. Esse movimento de desterritorialização foi seguido pela construção de um novo território, ou seja, produzimos um movimento de reterritorialização que influenciou na maneira como as oficinas foram executadas a partir do mesmo relatado. Esse processo de reterritorialização produziu uma maneira nova de funcionamento nas oficinas, em que continuamos com a câmera capturando nosso busto, mas começamos a explorar também novas possibilidades de atendimento, fugindo, assim, do posicionamento estanque da câmera. A partir disso, realizamos brincadeiras que a criança gostava, tais como: “Morto-Vivo” e “O mestre mandou”, que conferiam a possibilidade de exploração de um novo território lúdico.

A aposta na ideia de construções de oficinas baseadas no conceito de Rizoma fez com que as oficinas ganhassem movimentos que eram proporcionados principalmente pela criança atendida e pelos afetos que foram produzidos durante os atendimentos. Diante destes acontecimentos, o vínculo estabelecido em virtude dos agenciamentos, possibilitou que a criança nos

convidasse a embarcar nesse trajeto que, por sua vez, nos proporcionou um novo olhar para clínica, entendendo esta enquanto um espaço de colaboração e experimentação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A emergência da atuação dos psicólogos e estagiários de Psicologia foi intensificada pelas forças que compuseram o caótico ano de 2020, forçando estes a se reinventarem, lançando mão de novas ferramentas e também de algumas que não eram utilizadas com tanta frequência, como foi o caso dos atendimentos virtuais. Devido às complexidades oriundas da pandemia, os profissionais tiveram que se debruçar sobre as marcas deixadas nos sujeitos, o que sem dúvida produziu um olhar outro sobre o processo de subjetivação no contexto de pandemia. Dessa forma, a prática de estágio vivenciada neste período foi uma experiência ímpar em decorrência do cenário inédito. Neste sentido, as demandas da criança, bem como os impactos psicossociais da situação sanitária no país, influenciaram nesse acontecimento.

Assim, a prática de estágio em “Oficinas de pensamento e expressão”, realizada em um ano pandêmico e no modelo remoto, possibilitou que saíssemos do território de conforto no qual sentíamos aptos e seguros e fez com que criássemos novas possibilidades, sendo necessário nos readaptar diante do que estava sendo proposto. Foi perceptível que, ao final dos atendimentos, o vínculo fora estabelecido e os objetivos, inicialmente propostos, foram alcançados. Além disso, vale destacar que trabalhar com o público infantil de forma virtual se apresentou como uma experiência válida e cheia de potencialidades. Vale ressaltar também que, houveram limitações em nossa prática, como por exemplo, as questões relacionadas à instabilidade da internet, que em determinadas ocasiões, diminuía o tempo dos encontros devido a impossibilidade de conexão.

Destacamos o quão necessário foi sairmos da lógica de uma clínica tradicional e expandirmos para novas formas de intervenções, deixando de reproduzir apenas aquilo que nos foi repassado para podermos construir outras maneiras de aprender, de desenvolver e de adaptar-se a partir das possibilidades atuais. Sendo assim, indicamos a necessidade de novas produções que dizem sobre o atendimento infantil de forma online, uma vez que notamos escassez sobre a temática durante o levantamento bibliográfico para a elaboração do presente trabalho. Além da necessidade dessas produções, apontamos para a possibilidade de estudos que contemplem a clínica da resistência em interface com a clínica infantil, tendo como objetivo, o mapeamento das infâncias na clínica, bem como o devir-criança e outros inúmeros devires que podem surgir quando o psicólogo se abre ao novo.

O momento pandêmico gerou algumas dificuldades no ambiente clínico, contudo, fez com que nos inventássemos com aquilo que tínhamos em mãos. Dessa forma, as linhas de fuga que traçamos nos possibilitou experimentar o devir-criança para a criação de uma clínica da resistência, rompendo com algumas concepções enrijecidas que estratificam a intervenção. Foi notável a importância de mantermo-nos atento ao que o outro apresentava como, por exemplo, quando a criança solicitou a realização de brincadeiras que envolvessem a aparição dos corpos. Como tal, esse pedido nos surpreendeu devido ao fato de estarmos absortos nas normas da vida adulta, bem como acostumados com a configuração padronizada dos atendimentos. Sendo assim, foi na realização dessas brincadeiras que trabalhamos o afeto e o vínculo, aspectos diretamente relacionados aos processos cognitivos e de aprendizagem da criança. Além disso, entendemos essas brincadeiras enquanto uma possibilidade de agenciar as atividades escolares, com o brincar, diminuindo as probabilidades de agravamentos que atingem as crianças em isolamento social durante a pandemia, como informado anteriormente.

Nesse novo cenário, a articulação da experiência com conceitos da Esquizoanálise foi fundamental para que conseguíssemos articular teoria e prática com os objetivos propostos pelo estágio curricular. Quer dizer, a teoria esquizoanalítica nos permitiu trabalhar não apenas com a ideia de processos de subjetivação, devir, potência, rizoma, mas também com outros conceitos que exemplificam, e potencializam as práticas dos psicólogos, como por exemplo, o devir-criança, ideia esta que se mostrou importante para o trabalho clínico com crianças, uma vez que percorre a infância, acompanhando suas linhas de fugas, seus afetos e sua inventividade, que acaba se enrijecendo com as capturas do mundo adulto. A experimentação do devir-criança em nossos atendimentos, se mostrou importante e semelhante à experiência de Lopes (2019, p.17), que descreve a relevância de seu trabalho pela: “composição com as possibilidades de invenção, imaginação, novidade e experimentação que atravessam a força da criança, no seguir linhas em aberto que não se restringem a um mundo pré-definido.” Dessa forma, experimentar o devir-criança no território clínico, é sobretudo, sustentar um plano de imanência que faz com que a vida esteja sempre em movimento, assim como os mapas da infância que nos mostram a potência da singularização.

A experiência relatada demonstrou como o contato com a Esquizoanálise viabilizou uma prática inventiva que, como tal, aposta nos encontros e nos devires e que, além disso, procura sempre abrir novos caminhos para que novos agenciamentos e manifestações dos desejos e dos afetos ocorram, ainda que em tempos de isolamento social, pois acredita-se na potência da vida e nos efeitos benéficos dos bons encontros.

REFERÊNCIAS

- CECCIM, Ricardo Burg e PALOMBINI, Analice de Lima. **Imagens da infância, devir-criança e uma formulação à educação do cuidado**. Psicologia; Sociedade [online]. 2009, v. 21, n. 3 [Acessado 29 Julho 2021] , pp. 301-312. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300003>>.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. São Paulo, Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 4. São Paulo, Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. (1996). **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. 3). São Paulo, Ed. 34.
- DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997a.
- FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz (2020). **Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: crianças na pandemia**. Disponível em <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wpcontent/uploads/2020/05/crianc%CC%A7as_pandemia.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
- GUATTARI, F. (1992). **Caosmose: um novo paradigma ético-estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Editora.
- GUATTARI, FÉLIX; ROLNIK, SUELY. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.
- HAESBAERT, R.; BRUCE, G. **A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. GEOgraphia, Niterói, v. 4, n. 7, 2002. Disponível em: <<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/74/72>>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- HUR, Domenico Uhng. **Psicologia, Política e Esquizoanálise**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2019. 192 p.
- JÓDAR, Francisco; GÓMEZ, Lucía. **Devir-criança: experimentar e explorar outra educação**. Educação e Realidade, Porto Alegre (RS), v. 27, n. 2, p. 31-45, jul./dez. 2002.
- KASTRUP, Virgínia. **O devir-criança e a cognição contemporânea**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre , v. 13, n. 3, p. 373-382, 2000 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722000000300006&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Jan. 2021.
- LOPES, E. S. (2019). **A alegria subversiva de devir-criança**. Momento - Diálogos Em Educação, 28(1), 11–25. <https://doi.org/10.14295/momento.v28i1.8717>

MANSANO, S. R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade.** Rev. Psicologia UNESP 2009, dez/jan; 8(2):110-17

NEUSCHARANK, Angélica. **Notas de estudos sobre devir-criança, linguagem e tempo:** “o tempo muda”. 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2020/09/ARTIGO-9-Notas-de-estudos-sobre-devir-crian--a-linguagem-e-tempo.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

PARPINELLI, Roberta Stubs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de. **Pensando os fenômenos psicológicos:** um ensaio esquizoanalítico. Psicol. estud., Maringá, v. 10, n. 3, p. 479-487, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000300016&lng=en&nrm=iso>. access on 04 Dec. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000300016>.

PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. **Aprendizagem e subjetividade:** uma construção a partir do brincar. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000200006. Acesso em: 11 jan. 2021.

ROMAGNOLI, Roberta C. **Algumas reflexões acerca da clínica social.** Rev. Dep. Psicol., UFF, Niterói, v. 18, n. 2, p. 47-56, Dec. 2006. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232006000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Dec. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-80232006000200004>.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho et al. **Por uma clínica da resistência:** experimentações desinstitucionalizantes em tempos de biopolítica. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 13, n. 30, p. 199-207, Sept. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832009000300016&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Jan. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832009000300016>.

ROOS, Maria da Glória Munhoz. **Devir criança, o que pode um educador?** uma vida, uma aventura, uma paixão, um grito, uma escuta... Revista Caderno Pedagógico, [S.l.], v. 7, n. 2, mar. 2011. ISSN 1983-0882. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/812>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

VILLAS-BÔAS, Luana Estrella Ribeiro. **Psicoterapia Infantil Online:** Um novo caminho possível frente à Pandemia da Covid-19. Revista IGT na Rede, v. 17, nº 32, 2020. p. 53 – 64. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs> ISSN: 1807-2526.